

Sarney recebe proposta de emprego

A seis dias de deixar o governo, o presidente José Sarney recebeu sua primeira oferta de emprego. Um grupo formado por cerca de 50 emissoras de rádio do País, ofereceu a Sarney a possibilidade de manter, após a posse de Fernando Collor, o programa semanal *Conversa ao Pé do Rádio*. Segundo revelou ontem o secretário particular de Sarney, Augusto Marzagão, o presidente faria comentários políticos no novo *Pé do Rádio*. Sarney ainda não deu a resposta.

Antes de transmitir o cargo para o novo presidente, porém, José Sarney ainda fará dois pronunciamentos públicos. Um, numa cadeia de rádio e televisão, para se despedir da população. "Ele vai agradecer a paciência do povo brasileiro", afirma Marzagão. Ainda não está definido se o pronunciamento será na noite do dia 14 ou na

manhã do dia 15. O presidente se despediu do Congresso, no mês passado, dos seus ministros, anteontem, e, agora, se despedirá da população. A última fala pública de Sarney, porém, deverá acontecer na manhã do dia 15, quando se dará o último programa da série *Conversa ao Pé do Rádio*, que, excepcionalmente, acontecerá numa quinta-feira.

Ontem de manhã no Rio, do convés do navio-escola Brasil, ancorado na Baía de Guanabara, o presidente e poeta Sarney discursou para a nova turma de guardas-marinha — seu último pronunciamento em uma solenidade militar antes de passar o cargo para Fernando Collor. Sarney reservou um desfecho especial para a ocasião: num momento de inspiração, recitou versos de Lord Byron.

"Dentro do verbo amar está

a palavra mar / Ah! mar / Mar de sonhos, de esperanças / Fonte da vida, desafio do homem / Ah! mar / Amar e mar / Amar o mar / Bendita a profissão de marinheiro." Ao final, a platéia não aplaudiu em obediência às rigorosas regras da cerimônia, mas o presidente ganhou um longo abraço do ministro da Marinha, Henrique Sabóia.

Sorridente e disposto a explorar a vocação de poeta, Sarney respondeu com um verso, desta vez de Fernando Pessoa, à pergunta de um jornalista. "Vale a pena o exercício da presidência?", quis saber o repórter. "Tudo vale a pena quando a vida não é pequena", recitou o presidente, trocando a palavra "alma", utilizada por Pessoa, por "vida".

Embora modestos, Sarney acabou por conseguir ontem al-

guns aplausos. Em Belo Horizonte, onde esteve à tarde especialmente para visitar o arcebispo dom Luciano Mendes de Almeida, o presidente foi reconhecido e aplaudido por algumas pessoas que passavam em frente ao hospital Felício Rocho. "Sinto-me recompensado", declarou depois.

Na saída, porém, sem nenhum batedor da Polícia Militar para ajudá-lo a vencer o percurso de 12 quilômetros até a Base Aérea de Pampulha, Sarney teve de parar em todos os semáforos onde o sinal estava vermelho. No trajeto, ninguém reconheceu o atual presidente confortavelmente instalado no Opala cedido pelo governador Newton Cardoso.

Veja abaixo a íntegra do programa de ontem *Conversa ao pé do Rádio*.

"Paciência e coragem foram minhas armas"

“Brasileiras e Brasileiros, bom-dia. Está é a nossa penúltima *Conversa ao Pé do Rádio*, mantida todas as sextas-feiras, desde que assumi o governo. Hoje, 9 de março de 1990, quero dizer a todas as brasileiras e brasileiros, ouvintes deste programa, que na próxima semana, pela primeira vez, ele será levado ao ar na quinta-feira, no mesmo horário, poucas horas antes da minha transmissão do governo.

Dentro de uma semana, opera-se a transferência do poder. É o exercício de periodicidade dos mandatos. A nação é testemunha das condições em que assumi a Presidência da República. Quando a página histórica que hoje estamos virando se chamar passado, a investigação da posteridade deverá analisar em toda a sua profundidade o quadro delicado e as horas de incertezas daquela madrugada dramática de 15 de março de 1985, quando assumi a Presidência da República entre a perplexidade e o chamamento do dever. O destino me entregava esta missão na hora mais difícil do País, entre esperanças, cobranças e dificuldades.

Hoje, aqui estou quase no instante da despedida, o mesmo homem de fé inabalada, a mesma crença constante e imorredoura nos altos ideais da nossa pátria, da democracia, da liberdade, reforçados em mais de 1.800 dias de duro e infatigável trabalho. Atravesssei nes-

se período todas as tempestades e tenho a alma aberta e a alegria mais pura pelo dever cumprido. Ontem, pela manhã, disse na reunião do Ministério: estou como se sísse integrante de uma luta de punhais. Em paz comigo mesmo, com a vida e com Deus. Porque tudo vale a pena e no Brasil não prosperam coisas menores.

Deixo inapelavelmente incorporado ao patrimônio brasileiro um tempo de lutas pela democracia. Deixo o legado da liberdade de instituições, e cumpro, com fidelidade e zelo, o objetivo da Presidência que foi a reorganização constitucional, a plena democratização do Brasil, uma obra com a pedra e cal da vontade soberana do povo brasileiro.

Atravesssei um período difícil, de muitas tempestades. Mas a tudo resisti com a coragem de ser tolerante, com a arma da paciência, com a força da minha fé, a correção do meu comportamento, a austeridade com que cumpro meus deveres, a vida monástica com que pratiquei, pelo exemplo, a liturgia do cargo. Agora, cinco anos depois, recordo com emoção os primeiros momentos do exercício do meu governo. Exatamente 15 de março de 1985. Quando dei posse ao Ministério. Disse eu: 'Estou com os olhos de ontem e ainda prisioneiro de uma emoção que não se esgota. O Deus da minha fé que me guardou a vida, quis

que eu presidisse este momento. Ele não me teria trazido de tão longe se não me desse também, na sua bondade, as virtudes da paciência, do equilíbrio, da coragem, do idealismo, da firmeza e da visão maior das nossas responsabilidades perante esta Nação e sua história'. E terminei: 'Exerceremos os nossos deveres como escravos da Constituição, das leis e do povo'.

Jurei cumprir a Constituição e as leis. Cumpro. Jurei exercer os meus deveres para com o povo. Cumpro. Vejo a estrada percorrida — o mistério que meu olhar perdido no tempo procurava desvendar naqueles dias, que eram futuro e hoje são passado. Pensei o que ocorreria. Onde chegaríamos, o que nos esperava. Preparei-me para enfrentar esse desconhecido, vivendo a agonia de cada dia e a luta de cada instante.

Hoje, desfaz-se a visão do desconhecido. Já vivemos estes anos. Sabemos todos, brasileiras e brasileiros como eu, que como todos os tempos eles foram de momentos de glória em que as trombetas tocaram hinos de vitória. Dias em que as flores desabrocharam e dias em que as flores murcharam. Dias de desencanto, das amargas, enfim, de altos e baixos. Mas a tudo me mantive firme certo de que chegaríamos a bom porto. E chegamos. Nada é perfeito. A cada dia vem um outro dia. Tudo

passa. Cada um de nós, no menor gesto, você que está me ouvindo, a cada dia que vive ajuda a modificar e construir o mundo.

Deixo o governo na outra semana, com outros olhos e não com aqueles com que aqui cheguei naquela manhã cinza de março. Eu tenho os olhos do futuro, os olhos do otimismo, a palavra que nunca faltou ao longo de todos estes anos nesta *Conversa ao Pé do Rádio*. Talvez eu tenha sido, em alguns instantes, a única voz solitária a não descrever no futuro do nosso país. E agora, deixamos uma sociedade democrática, deixamos a liberdade maior de toda a história brasileira. Não existe uma única sombra institucional no Brasil e o nosso país lança as bases do seu grande destino.

Portanto, ao terminar este programa eu quero repetir aquilo que sempre fiz: a minha palavra de otimismo, a minha palavra de fé, a minha palavra de confiança no Brasil. Temos problemas, sim, temos problemas. Mas vencemos muitos problemas. Vencemos o gargalo, da transição institucional. Hoje, o País está em paz, foram cinco anos de paz, cinco anos de liberdade, cinco anos de democracia.

Governo Sarney, governo da liberdade. Um abraço muito carinhoso a todas as brasileiras e brasileiros que me ouviram ao longo desse tempo. Bom-dia e muito obrigado.